

CONTO  
dos  
DIAS

The text is rendered in a black, calligraphic font. The word 'CONTO' is at the top, 'dos' is in the middle, and 'DIAS' is at the bottom. A decorative graphic of a tree with many branches is superimposed over the text, with its trunk and branches weaving through the letters. The overall style is reminiscent of traditional woodcut or hand-drawn lettering.



TALITA CAROLINE

CONTO  
dos  
DIAS



**Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2024**  
**Copyright © Talita Caroline, 2024**

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.  
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de  
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL

**Lilian Vaccaro**

REVISÃO

**Clysnaya Vasconcelos**

PRODUÇÃO GRÁFICA

**Giovanna Vaccaro**

CAPA

**Henrique Moraes**

DIAGRAMAÇÃO

**Michael Vasconcelos**

#### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

---

Caroline, Talita

Conto dos dias / Talita Caroline - 1ª edição - São Paulo:  
Coerência, 2024

ISBN: 978-85-5327-236-5

CDD: 869.3

---

#### **Índices para catálogo sistemático:**

1. Ficção brasileira 2. Romance cristão I. Título



Rua Coronel Osório, 92 | Centro  
Bragança Paulista | SP | 12900-150  
[www.editoracoerencia.com.br](http://www.editoracoerencia.com.br)  
Tel.: (11) 9.1292-1001

Dedico este livro aos meus amados filhos, Davi Alonso e Sarah Caroline. Comecei a escrever essa história pensando em vocês — quando ainda eram apenas um sonho do meu coração — e hoje tenho a grande alegria de a lermos juntos.



Agradeço a Deus, por me resgatar de um mundo sombrio para a grandiosa esperança do seu amor.

À minha família, especialmente meu esposo, filhos e pais, pelo apoio e por acreditarem nos meus sonhos. Vocês tornam minha jornada mais alegre!

À minha Igreja Fonte da Vida, onde recebo a Palavra Viva.



# I

## DESPERTAR

*Carta ao portador do Conto dos Dias*

*Eu sei o que você está sentindo ao ler essas páginas. Eu também senti. Algo se aquece em seu interior, e sua mente finalmente escuta o que seu espírito há tanto tempo tem gritado.*

*É a característica daqueles que têm sangue real: a chama latente que clama pela liberdade. E é o despertar desse fogo que nos leva até o Livro, o Único Livro.*

*Aqui você encontra verdades há muito ouvidas e hoje ignoradas. Mas o que é real, nunca deixará de ser real. Mesmo que venha a ser distorcido, desprezado ou, até mesmo, esquecido.*

*O Conto dos Dias te mostrará o caminho para romper a escravidão invisível, mas não imperceptível, que nos é imposta pela ignorância.*

As palavras pareciam estar sendo ditas bem ao ouvido de Beatriz. Ela interrompeu a leitura por um momento e olhou para o horizonte,

tentando absorver melhor a mistura de informações e sentimentos que a invadiam.

O som da cachoeira. O canto dos pássaros. O verde das árvores que a rodeavam e o reflexo dos raios de sol nas águas do rio. Todas as sensações daquele ambiente dançavam em uma deliciosa sinestesia dentro de si. Havia acabado de chegar, mas sentia que já pertencia ao lugar.

Ela ajeitou-se sob a árvore em que se encostava e olhou novamente para o livro em suas mãos. Ele era espesso e sua capa era de couro marrom envelhecido, com as palavras “Conto dos Dias” estampadas em dourado. Sempre gostou de ler, mas nunca, em seus treze anos de vida, livro algum havia prendido tanto sua atenção.

Ao final do primeiro capítulo, que Beatriz leu com muito interesse, havia uma carta. Ela falava sobre sangue real, fogo e outras coisas que a garota não entendia muito bem, mas a fizeram sentir uma esperança nova, inexplicável.

Após a breve reflexão, voltou o olhar para o manuscrito em suas mãos. O último parágrafo da carta era uma advertência:

*Esteja atento aos enganadores. Eles podem sentir quando o fogo é despertado e tentarão afastá-lo do Livro. São extremamente sutis, mas igualmente ferozes. Guarde o Único em seu coração, proteja-o com todas as suas forças e você encontrará de volta o Caminho que um dia perdemos.*

*Com votos de esperança,*

*Jabez — guardião das armas.*

— Beatriz!

O grito cortou a concentração da garota. Distante, avistou uma mulher fazendo sinal com a mão para que fosse até ela.

— Já vou! — gritou de volta.

— Não demore!

Sua tia, uma senhora de meia idade de cabelos grisalhos e feições simpáticas, deu as costas e voltou em direção à sua casa. Beatriz guardou o livro na bolsa azul que estava ao seu lado, levantou-se e começou a limpar a poeira de sua calça jeans, quando de repente uma sombra passou sobre ela. A rajada de vento provocou um vácuo em seu ouvido. Assustada, deu um salto para trás. Ao olhar para baixo, viu um par de garras afiadas no chão.

Uma grande ave havia pousado em sua frente. O animal imponente, de penas acinzentadas e bico pontiagudo, aproximou-se lentamente. Com cerca de meio metro de altura era, sem sombra de dúvidas, o maior gavião que Beatriz já vira.

Estranhamente, sentiu que aqueles olhos redondos e penetrantes estavam fixados nos seus, de maneira quase intimidadora. A garota permaneceu imóvel, por segundos que pareceram uma eternidade. A ave desviou o olhar para a bolsa e inclinou rapidamente a cabeça em sua direção, logo antes de, finalmente, levantar voo.

O repentino barulho do bater de suas asas fez Beatriz sentir um frio na espinha. Com o coração palpitando fortemente, advertiu a si mesma que se acalmasse, afinal era apenas uma ave. Sacudiu a cabeça para espantar de sua mente a imagem assombrosa do animal e voltou a se limpar.

Ela ainda retomava o fôlego quando viu, do alto, o gavião retornando em um rápido mergulho e levando sua bolsa.

“Não mesmo!”, pensou.

Naquele momento, o medo que primeiro sentiu foi substituído por uma surpreendente atitude de coragem. Aquele livro havia acendido algo novo nela, e não estava disposta a perdê-lo. Antes mesmo que pudesse perceber, estava correndo e gritando atrás da ave com todas as suas forças.

O gavião voou em direção ao bosque e Beatriz perdeu-o de vista. Parou por um instante e procurou olhar para a direção de onde ouvia seu grito.

Então viu, distante, o pássaro. Mas ele não estava voando. Estava caindo. A ave recuperou altura, porém, logo em seguida, desceu novamente, dessa vez soltando a bolsa. Parecia que havia sido atingida por algo. Por fim, retomou o voo e desapareceu no céu.

Beatriz apressou o passo na direção em que viu a bolsa cair. Após alguns minutos correndo por entre as árvores, não só não havia achado seus pertences, como também percebeu que não fazia ideia de onde estava. Havia corrido tanto, e tão desesperadamente, que até se esqueceu de prestar atenção no caminho.

Abaixou-se e apoiou as mãos nos joelhos para descansar um pouco. Ainda com a respiração ofegante, o desespero começou a bater. O denso verde das árvores a sufocava. Escutou, distante, o horripilante som da ave, que lhe causou um arrepio da ponta dos pés ao alto da cabeça.

Ergueu-se novamente, limpou o suor da testa com o dorso da mão e começou a andar, procurando o caminho de volta. Olhou atentamente para todos os lados, tentando reconhecer por onde havia vindo. Foi quando avistou, a alguns metros de distância, uma pessoa sentada sobre a grama, de costas para ela.

Com muito cuidado para não ser percebida, aproximou-se para ver melhor. O rapaz estava com as pernas cruzadas e um livro aberto sobre o colo. Aproximou-se um pouco mais para ver se... Sim, era o seu livro.

Desconfiada, continuou observando. De um lado do garoto, viu sua bolsa, aberta. Do outro, uma mochila e um estilingue. Então foi ele quem atingiu a ave, fazendo com que ela soltasse seu livro.

O garoto não percebeu sua presença, estava muito concentrado na leitura. Beatriz arriscou curvar um pouco a cabeça para

poder ver seu rosto. Aparentava ter sua idade, talvez um pouco menos. Ou só parecia assim, por causa dos cachos de seu cabelo. Era magro e, aparentemente, não muito alto.

Beatriz hesitou em pedir-lhe ajuda, afinal, não sabia nada sobre ele. Mas a necessidade de recuperar seu livro e a completa falta de noção do caminho de volta a fizeram criar coragem para se apresentar.

— Olá! — disse e percebeu que a voz soou muito mais tímida do que planejou.

O menino virou-se, surpreso. Definitivamente não esperava encontrar alguém ali.

Beatriz continuou a conversa com cuidado, temendo que ele pudesse ir embora com seus pertences ao mínimo desagrado.

— Meu nome é Beatriz. Isso é meu. — Tentou manter um tom amigável e apontou para o livro e a bolsa.

Aquela afirmação pareceu acender um imediato interesse no rapaz, que arregalou os olhos. Afinal, aquela era a dona do livro que ele lia tão avidamente.

— Oh, desculpe-me! — Ele levantou-se e devolveu para Beatriz os objetos. — Você é nova por aqui? Não me lembro de havê-la visto antes...

— Sim, sou. É a primeira vez que venho a Carmelo — ela informou, esperando, naturalmente, ouvir um “bem-vinda”.

Um silêncio constrangedor, no entanto, foi o que se seguiu. O garoto parecia estar com a mente em outro lugar. Sem graça, Beatriz coçou levemente a cabeça.

— Minha tia tem uma casa aqui, que esteve alugada para outra família por muitos anos. Como eles se mudaram há alguns meses, ela decidiu transformar o lugar em uma casa de férias, e convidou a mim e a meus primos para passarmos uns dias com ela. Chegamos ontem à tarde.

– Sua tia é a dona da casa do tronco?

Beatriz ainda não havia escutado ninguém a chamar daquela maneira, mas até que fazia sentido. Na frente da antiga, entretanto bela casa amarela, havia um larguíssimo tronco. Tão largo que poderia até mesmo servir como mesa de jantar, ela pensou.

– Sim, creio que sim – respondeu.

O garoto começou a caminhar devagar. Parecia perplexo.

Beatriz o acompanhou, puxando conversa. Não necessariamente porque tivesse interesse em conversar com ele, mas porque não fazia a mínima ideia de como sair do meio daquele bosque sozinha, e não queria admitir para um estranho que estava perdida.

Como o rapaz nada respondia, Beatriz continuou procurando assunto para permanecer caminhando com ele. Falou sobre sua família: seus primos, Ana e Artur, eram gêmeos e apenas dois anos mais velhos que ela. Ela não morava na mesma cidade que eles, mas sempre viajavam juntos durante as férias. Tia Raquel foi quem teve a ideia de reformar a casa para que eles passassem aqueles momentos ali. Assim, os jovens aproveitariam o campo e ela curtiria alguns dias com os sobrinhos.

– Vão ficar aqui por muito tempo? – ele perguntou.

– Oh, sim! Ficaremos o mês inteiro – ela respondeu com alegria.

– Bem, isso se conseguirmos resolver o problema do encanamento lá em casa. Assim que chegamos, descobrimos que o lugar havia sido invadido. Quebraram os canos e nos deixaram sem água.

O rapaz ainda parecia distante. Silêncio.

– O que não consigo entender, é porque alguém invadiria uma casa vazia, que não tem nada para ser roubado. – Beatriz completou.

O menino continuava olhando para frente sem responder. Parecia que algo o preocupava.

– Por que Rátire queria sua bolsa? – ele questionou.

– Rátire? – a menina repetiu com estranhamento. – O gavião, você quer dizer?

O garoto balançou a cabeça afirmativamente.

Beatriz achou engraçado o questionamento.

– E eu lá sei por que algum bicho faz alguma coisa? – respondeu com um sorriso involuntário.

Provavelmente aquilo não era tão engraçado para ele quanto era para ela, pois não riu da piada.

– Você conhece aquele pássaro? – ela perguntou.

– A sua casa não foi a única em que entraram – o menino informou, ignorando a pergunta dela. – Várias casas foram invadidas e reviradas nos últimos dias, inclusive a minha. Mas pouco, e em alguns casos nada, foi levado.

– E prenderam o invasor?

– Quem te deu aquele livro? – respondeu com outra pergunta, sem dar atenção ao que ela havia dito.

Aquela mania de não responder a seus questionamentos já a estava deixando irritada, mas ela esforçou-se para ser amigável e continuar andando com ele, parecia finalmente já estar reconhecendo o caminho.

– Encontrei ontem.

– Onde?

– Em um dos armários da casa de minha tia. Comecei a lê-lo nessa manhã.

– Então, você não sabe de onde ele vem?

A curiosidade imediatamente tomou conta dela.

– Você sabe?

– Venha comigo. – Ele acenou com a cabeça para que ela o acompanhasse.